

# **A inserção da população negra no teatro brasileiro: resistência, exclusão e subversão**

**Área Temática: Cultura**

**<sup>1</sup>Amanda Oliveira Reis e <sup>2</sup>André Luís Anelli**

<sup>1</sup>Aluna da Graduação em Artes Cênicas, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: amandareis9345@gmail.com

<sup>2</sup>Prof. Depto de Música – DDD/UEM, contato: andreanelli2011@hotmail.com

**Resumo:** A pesquisa busca, inicialmente, apresentar uma contextualização histórica acerca da miscigenação existente na colonização brasileira com o intuito de ajudar na compreensão das desigualdades raciais presentes atualmente que derivam, evidentemente, do passado escravocrata do Brasil. Esta questão reflete no teatro e será o foco da pesquisa que dialogara com as dificuldades que o a população negra enfrentou para se inserir nesse meio, pois, a priori, o único espaço que era cedido a eles era o de personagens repletos de estigmas e estereótipos. Posteriormente, haverá uma análise de obras teatrais, sendo elas uma peça e um grupo, representados por dois importantes dramaturgos que trazem em suas trajetórias teatrais características raciais de uma forma instigante, a saber: Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental Negro (TEN) e Jorge Andrade com a peça Confrarias.

**Palavras-chave:** teatro negro – miscigenação – desigualdade racial

## 1. Desenvolvimento

A presente pesquisa busca investigar como o negro e a negra inseriram-se no teatro brasileiro, visto que vivemos em circunstâncias que limitam esse grupo de ocupar determinados espaços, e, ao pensarmos nos motivos que levam à desigualdade racial existente na sociedade atual, constata-se que este fato deriva-se de um passado excludente que se perpetua desde a colonização do Brasil, que é um país miscigenado e possui diversas etnias em sua formação dentre elas: indígenas, africanos, europeus, asiáticos e portugueses; além da vinda de um bom número de ingleses, franceses, holandeses, alemães e italianos como nos aponta Karl Friedrich Von Martius e José Honório Rodrigues (1956).

Por mais que a história oficial do Brasil, aquela impressa nos livros didáticos, nos ensine que nosso país foi descoberto pelos portugueses, sabe-se que anteriormente os indígenas já habitavam as terras brasileiras, entretanto, os portugueses, que possuíam outro modo de vida, fundamentado na produção, exploração e acumulação de riquezas, desse modo, tomaram posse das terras e receberam historicamente o título de colonizadores, assim como é dialogado no texto da Diretoria de Estudos Sociais (Disoc) (2008).

A partir de então, povos africanos foram trazidos para serem escravizados, o que procedeu a uma desigualdade que certamente está ligada à raça, pois, devido a séculos de escravização, o negro e a negra foram privados de oportunidades que possibilitariam a ascensão social dos mesmos e, por serem impedidos de ter autonomia no período escravocrata, sucedeu-se um atraso considerável em relação ao pertencimento de diversos espaços, fato este que reflete em muitos meios, dentre eles, o teatro que é o cerne da presente pesquisa.

Inicialmente pretos e pretas não tinham perspectivas de adentrar no âmbito teatral e por mais que existissem peças com personagens negros, eram criadas por meio de um ponto de vista do branco, ou seja, por meio de vivências que certamente é dessemelhante às vivências dos negros, justamente pelas diferentes experiências que criam um abismo entre as realidades. Desse modo, é possível relacionar com um conceito alicerçado pela escritora Djamila Ribeiro (2017), o “lugar de fala”, conceito este que fundamenta propriedades de discurso baseadas em posições como: social, sexual, intelectual, racial, religiosa, entre outras. Neste sentido, cada indivíduo tem seu lugar de fala, porém, não significa que isso o impede de contribuir com lutas de grupos que não o seu, desde que tenha a consciência de que seu posicionamento não deve surgir baseado em sua vivência, mas sim a partir da vivência do grupo em questão. Entretanto, poder-se-ia observar que no teatro os brancos retratavam os negros de uma forma distanciada por meio de personagens cheios de estereótipos e considerados sem muita importância, e ainda que esses personagens existissem, não eram interpretados por pessoas pretas, mas sim por brancos que se pintavam, isso é denominado *black face* de acordo com Emerson de Paula Silva (2014).

Essa realidade permaneceu por um longo período e existiam personagens estereotipados como o pai João ou a bela mulata. Essas pessoas muitas vezes eram

trazidas com tons de chacota e riso, reforçando as opressões já existentes e colocando o negro e a negra em um local sempre inferiorizado. Assim vinha sendo desde o período escravocrata, entretanto, depois da suposta abolição da escravização, o negro passa a ter mais autonomia e começa a ocupar mais espaços, porém, somente no ano de 1944 que o dramaturgo, escritor, professor, ator, político e ativista negro, Abdias do Nascimento, resolve fundar o denominado Teatro Experimental Negro (TEN) que foi um dos primeiros movimentos negros a trazer representatividade e oportunidades para a população negra por meio do teatro. Neste sentido, no presente artigo é apresentado a biografia do autor, baseada no documentário Abdias: raça e luta (2012), e nos textos de Moura (2018) e Silva (2014), que mostram um pouco de sua trajetória de militância racial e dos motivos que o levaram a criar o TEN.

Abdias do Nascimento buscava, por meio do TEN, colocar o negro em cena para contar suas histórias, ultrapassando a forma estereotipada além de quebrar com o modelo de teatro europeu, leia-se modelo como conteúdo e forma, mostrando que a cultura brasileira é rica e pode e dever ser explorada. O Teatro Experimental Negro além de proporcionar o espaço no teatro para a população minorizada, também exercia cursos de alfabetização para que a classe operária tivesse acesso a conhecimentos que antes os eram negados de forma que a intelectualidade dos mesmos fosse desenvolvida para obterem conhecimentos históricos, sociais e culturais. Além desses cursos, o TEN também promoveu numerosos congressos e se tornou um importante movimento, principalmente por Nascimento ter sido um pioneiro na causa, situação esta que se reflete até a atualidade, sendo símbolo de representatividade racial.

Após a análise do TEN bem como de seu fundador, análise esta de suma importância para compreendermos a presença dos negros e negras no cenário teatral brasileiro, iremos analisar uma obra dramatúrgica específica que possibilitará estudar alguns personagens negros e negras, neste sentido, nos aprofundaremos tanto no autor, a saber: Jorge Andrade, bem como na obra, *As Confrarias*, escrita em 1969, parte de um ciclo de dez peças, intitulada: *Marta, a Árvore e o Relógio*.

Jorge Andrade, autor brasileiro, apresenta em suas dramaturgias questões políticas e sociais, circunstâncias estas que tornam inevitáveis a presença da questão racial que está estritamente ligada à história do Brasil. Desse modo, na pesquisa é analisado pontos da dramaturgia, como já mencionada anteriormente, *As Confrárias*, que possibilitam uma análise acerca das questões raciais por meio de uma história que perpassa em torno das três confrarias presentes dentro da obra: a dos brancos; dos negros; e dos pardos; ou seja, é bastante segregado. Portanto, possui personagens que carregam em suas vivências situações que dificilmente não são relacionadas com a vivência racial, como a personagem Quitéria que vem a ser uma ex-escravizada e amante do protagonista José que também passa por dilemas durante sua vida sobre pertencimento de etnias.

A contextualização histórica a respeito da colonização do Brasil com sua miscigenação trazida no início da pesquisa, nos mostra o processo de desigualdade racial existente até os dias de hoje, mostrando que tal processo é histórico e que são

reflexos dos muitos anos de escravização, ajudando-nos a compreender o surgimento do racismo, que está estruturado de tal forma em nossa sociedade e que afeta diversos âmbitos, dentre eles o teatro. Assim sendo, os dois autores, Abdias do Nascimento e Jorge Andrade, são trazidos na pesquisa devido a significante importância que possuem para a história do teatro brasileiro, justamente por terem sido revolucionários e por trazerem em suas dramaturgias e movimentos as questões raciais de forma propícia a reflexões e identificações.

Neste sentido, a presente pesquisa apresenta uma análise teórica do teatro negro no Brasil bem como a análise de uma obra específica, buscando problematizar, à luz de autores já mencionados, como o negro e a negra dentro de uma obra específica pode nos ajudar entender a história e problematizar algumas questões de ordem racial dentro do teatro brasileiro.

## 2. Referências

**ABDIAS: raça e luta.** Direção de Maria Maia. TV Senado, 2012. (59:02 min.).

Diretoria de Estudos Sociais (Disoc). **Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição.** Brasília, 2008.

FREITAS JR., Antonio Rodrigues de. **O trabalho à procura de um direito: crise econômica, conflitos de classe e proteção social na Modernidade.** *Estud. av.* [online]. 2014, vol.28, n.81.

NASCIMENTO, Abdias do. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões.** *Estud. av.* [online]. 2004, vol.18, n.50.

NASCIMENTO, Giovana Xavier da Conceição. **Os perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica no pós-emancipação.** São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 35, 2015. p.155-176.

MOURA, Christian Fernando dos Santos. **O Teatro Experimental do Negro – Estudo da personagem negra em duas peças encenadas (1947-1951).** São Paulo, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.

SILVA, Emerson de Paula. **O texto do negro ou o negro no texto: O teatro negro como fonte de memória e identidade afrodescendente.** Campinas, 2014.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira.** Rio de Janeiro, 1999.

\*\*\*